

# Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 1, n. 2, 2025

## ••• ARTIGO 3

Data de Aceite: 08/12/2025

## MÚSICA NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL E CULTURAL DO POVO DE TIMOR-LESTE

### Cipriana Santa Brites Dias

Doutora em Estudo de Literatura e Cultura pela Universidade de Lisboa – UL, Portugal. Professora do Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico da FEH/UNTL -TL  
<https://orcid.org/0009-0009-3336-0372>

### Gaspar Varela

Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina-UEL.  
Professor do Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico da FEH/UNTL -TL  
<https://orcid.org/0000-0002-1441-6619>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

**RESUMO:** Este trabalho busca refletir acerca dos sentidos de música e música timorense. O problema que orienta esta reflexão é: até que ponto ou de que forma os sentidos da música, principalmente, música timorense pode contribuir elementos aos processos de construção da identidade nacional e cultural do povo local em Timor-Leste? Análise baseia-se em aspectos teórico-metodológicos de natureza qualitativa, com uso de estudo e investigação bibliográfica de fundamentação teórica. Na discussão, são contemplados em sentido mútua; vínculo entre música e identidade cultural no contexto timorense, em consonância com os estudos elaborados por Filipe (2018); Hanna (2018); Hall (2016); Malerba (2014); Kiakilir, (2013); Paulo (2013); Horizonte (2012); Sousa (2007); Castro (2007); Benedict (2005); De Nora (2000), Wolton (2000); Blacking (1995); Cruz (1993); Martins (1985); Correia (1984); Tame (1984); Herzheld (1981); Gorina (1971); Tomas e Graça (1958); Freitas (1955); Corazzi (1883) etc. A compreensão do contributo dos processos históricos de música (timorense) é extremamente necessária, pois, antes da colonização portuguesa e da invasão da Indonésia na ilha de Timor já era conhecida como um território único, sendo não haviam existido indústrias modernas como atualmente. Todas as regras entre as linhagens familiares eram reguladas de acordo com os costumes da tradição cultural local. A prática das tradições culturais servia como base para unir ou desunir uns dos outros. Aqui, a prática cultural tornou-se uma espécie de tribunal tradicional que tinha uma influência importante na determinação das relações, boas ou más, e na sobrevivência entre as diferentes linhagens, entre etnias e entre famílias. A partir dessa compreensão que podemos perceber quais

elementos de música timorense contribuem ao processo de construção de identidade nacional e cultural do povo maubere.

**PALAVRAS-CHAVE:** Povo Maubere; Música Timorense, Construção de Identidade Nacional e Cultural.

## Introdução

“Música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo”, e na sua própria palavra, som e ritmo permite-nos ter contato com os ancestrais.

François Guizot

O presente artigo intitula-se “Música no processo da construção da identidade nacional e identidade cultural do povo de Timor-Leste”. O presente artigo é uma parte integrante da minha tese doutoral intitulada “Música de resistência timorense como repertório popular na reafirmação da identidade nacional e identidade cultural do povo de Timor-Leste: Estudo exploratório”. Nesta obra falaria sobre a relação entre a música e identidade cultural do povo ou de uma comunidade conhecida como a identidade cultural do povo de Timor-Leste.

Este artigo está subdividido em quatro partes essenciais. Numa primeira parte apresentaria sobre a origem da música timorense. Numa segunda parte abordará o significado da música. Numa terceira parte falaria sobre a identidade cultural do povo timorense à música timorense. Na quarta parte a entrada da música tradicional timorense na prática da cultura e ritual timorense e na quinta parte será numa última parte, esta faz parte da conclusão.

Os resultados do presente artigo confirmam a relevância da música na construção e reconstrução da identidade de cada indivíduo. Pois, a música era bastante forte e influenciadora na ação e na mente do povo de Timor-Leste. A música lhes recorda sobre o quê e quem são, de onde vêm, aonde vão e o que querem como indivíduos, a despeito da luta pelo direito à cultura e pela identidade como povo.

Além disso a música timorense como um meio que pode encaminhar o povo local para entrar em contacto com os seus antepassados. São esses que deram a música a um lugar de representações da identidade e originalidade do povo, inseridas nas práticas que se apresentam nas estrofes, linguagem, símbolos, sonoros, ritmos e melodias musical.

A identidade cultural timorense é um conjunto vivo e ativo de relações sociais e da riqueza de herança patrimónios simbólicos historicamente compartilhados que cria e identifica a harmonia e a união de determinados valores entre os membros da sociedade timorense.

Em contexto timorense, a música e a identidade cultural são forças políticas e são modos de viver em contexto do percurso histórico do local. Sobrepõem-se frequentemente e reforçam-se mutuamente. E, junta ou separadamente, podem mobilizar e apoiar as comunidades timorense no seu percurso e o sentimento de pertença das novas gerações timorense. Ambas assumem papéis essenciais na construção da identidade do povo. De facto, o universo era, correntemente, perspetivado numa unidade essencial entre Deus, o homem e a natureza.

## O sentido da música

A doutrina ética da música, que foi uma criação do filósofo Platão, aperfeiçoada pelo seu discípulo Aristóteles, resistiu aos séculos. Ainda Beethoven estava cheio dela e hoje, nós não a registamos e não lançamos inteiramente (Herzheld, 1981, p.25). No entanto, tentaremos apresentar algumas ideias importantes da música, que se podem sincronizar com a finalidade pretendida dos estudos culturais.

Tomas e Graça (1958), acrescentam sobre o sentido da música: (do lat. Música, gr. Mousiké), arte de combinar os sons de modo a agradar ao ouvido para, pondo em ação a inteligência, falar aos sentimentos e comover a alma. Como ciência, a música aparecia os sons nas suas relações com a melodia, o ritmo e harmonia.

Não auferindo do mundo sensível se não o material sonoro que prepara, modela e combina, a música é uma arte puramente espiritual e subjetiva. Forme as modalidades ou modos de expressão de que dispõe. A música é, de harmonia com as características de profana, religiosa, erudita e profana» (Tomas e Graça, 1958, p.275).

O sentido da música é a “Organização de sons com intenções estética, artística ou lúdica, variáveis de acordo com o autor, com a zona geográfica, com a época, etc. Outro sentido é arte e técnica de combinar os sons de forma melodiosa”<sup>1</sup>.

O som é a matéria-prima da música (Gorina, 1971, p.11), o som tem a sua propriedade cuja altura e intensidade se adaptam à possibilidade de captação do nosso

<sup>1</sup> “música”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/m%C3%BAtica> [consultado em 10-03-2023].

ouvido. A autora salientou ainda dois outros elementos conhecidos são de intensidade e duração. Além disso, como referir por Hall, (2016, p.24-25) que, “a música por sua vez é como uma linguagem na medida em que emprega notas musicais para transmitir sensações e ideias, mesmo que abstratas e sem referência direta na “realidade material”. Mas sim, por assim dizer, no ritmo dos pensamentos dos homens, na melodia das suas emoções e na harmonia do espírito e saúde corporal e estilos de movimentos (Tame, 1984, p.15).

Visto que a música, uma arte, combinação entre sons, movimentos, sentimentos e silêncio, de modo geral toda gente perceber a música, pode ser música a arte, música o corpo e música o movimento e é sensível a qualquer espécie de música. Por isso percebermos também que a música como linguagem natural e universal cujo princípio de admite uma combinação de todos elemento que contribui para a harmonização e a beleza da vida humana.

## O sentido da música timorense

Minha Música é minha cultura minha cultura é minha identidade

Brites Dias, 2019

Música timorense desde sempre na linguagem nativo como um do objeto de representação da identidade timorense. A palavra de representação segundo Hall, apresenta a noção de representação “como um ato criativo que se refere ao que as pessoas pensam sobre o mundo, sobre o que “são” nesse mundo e o que é mundo esse, sobre

a qual as pessoas estão a referindo transformando essas representações em objeto de análise crítica e científica do “real” ” (Hall, 2016, p.11).

Basicamente, a linguagem, sonora, o ritmo e melodia musical constrói um significado, um símbolo e uma representação das identidades do povo. A linguagem sustenta o diálogo entre participantes de modo a permitir que eles construam uma cultura de significados e compartilhados e interpretam o mundo de maneira semelhante. A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um sistema de representacional.

Na linguagem, sonoras, ritmos melodias e até os seus instrumentos, fazemos uso de signos e símbolos para significar ou representar para outros indivíduos o nosso conceito, ideias e sentimentos.

A linguagem é um dos meios através do qual pensamentos ideias e pensamentos são representados numa cultura, são elementos aspetos simbólicos e dos teores comunicativos, deu-se importância ao processo da construção e reconstrução da identidade cultural do povo através da sua performance.

Para Turner e Schechner (1982) citado por Pinto (2001 p.?) performances são, simultaneamente, étnicas e interculturais, históricas e sem história, estéticas e de caráter ritual, sociológicas e políticas. Em última instância performance é um tipo de comportamento, uma maneira de viver experiências. Vistas desta maneira, Turner e Schechner deixam claro que performances não se restringem apenas a cerimônias, rituais, eventos musicais e teatrais etc., mas que se estendem a muitos domínios da vida, seja ela tribal ou inserida no mundo industrial e moderno.

A música timorense procura transmite a mensagens, doutrinas dos antepassados aos seus netos, manifestada no mundo material em forma de som, em que segundo Sousa diz que porque só voz ou som que tem conexão física direta com o próprio antepassado (Sousa, 2007, p.45). A voz ou o som musical timorense segundo Kiakilir ambos estão associadas à energia cósmicas que representa a presença do nosso antepassado (Kiakilir, 2013, p.17).

O seu som cósmico domina frequentemente a cada fase do processo dos ritos, com todo som audível, a música contém alguma coisa poder, energia da palavra dos seus antepassados intermediado por anciãos. O som audível capaz não só de influenciar a mente e as emoções do homem, mas também literalmente, de moldar e alterar os efeitos físicos que têm lugar no mundo (Tame, 1984, p.186).

Em relação com a importância da voz e ou o som da música, afirma por Filipe que diz que «a música é a voz do nosso antepassado. Uma voz sagrada em forma de harmonia, melodia e ritmo (Filipe, 2018, p.30). Essa voz, também considerada por Tame sobretudo “a própria voz um dos meios mais potente de expressão das forças cósmicas do que os instrumentos inanimados” (Tame, 1984, p.188).

Deste modo a música timorense é uma prática significante na cultura local. De qualquer modo de expressão e transmissão pela língua falada e linguagem é representada o conceito, ideias, sentimento e pensamento, são elementos que unem todos os membros da tribo, reforça a sua comunhão-participação nas práticas culturais autóctones. Conserva e fortalece a vida, como são os terrenos, o património herdado.

Segundo Correia (1984), “a música é uma grande fonte que nasce mais espontaneamente fora dos circuitos comerciais, da própria vivência do povo local, da sua luta e do seu quotidiano, nas suas práticas culturais, dos seus próprios gestos (Correia, 1984, p.126), e Herzfeld, (1981), afirma que “A música é um produto tão favorável ao desenvolvimento cultural e à necessidade da humanidade” (Herzfeld, 1981, p.174).

## A vinculação entre música e identidade cultural

Em contexto timorense, a música e a identidade cultural são realmente carregam significado e funcionam como uma linguagem que representa o significado de quem somos e a quem pertencemos. Uma ligação muito forte e fazer certas combinações entre eles. Ambas estão conectadas e praticadas no dia-a-dia, principalmente nos costumes e rituais do povo. São utilizados como base para uma abordagem mais significativa nas práticas culturais do local.

A música conecta com regras, códigos compartilhados entre membro de uma tribo para celebrar o seu encontro sagrado com o seu antepassado. A ideia de que a música exerce influência e uma influência poderosa sobre o caráter do homem também como um dos meios poderosos de influir na consciência e na direção da raça humana (Tame, 1984, p.19). E, até a música apresenta como uma linguagem com relação mais complexas entre os sons e acordes para expressar sentido e comunicar pensamentos a outras pessoas (Hall, 2016, p.37).

A vinculação entre música e identidade cultural está em todas mensagens, isto quer através da sua linguagem musical, dos sons, dos ritmos e dos símbolos quer atra-

vés dos seus contactos pessoal e comunitária. Ou seja, a produção da música e o seu contexto da identidade cultural e territorial para identificar a relação de indivíduos e ou grupos de tribos com os espaços de referência identitária e, assim, compreender como o movimento musical *dahur* e *batuque* ou *tebe dai* contribuíram para a construção e afirmação de uma identidade territorial local em Timor-Leste.

As expressões da arte e da identidade cultural, como a música, têm dimensões espaciais e influenciam a construção e afirmação de uma identidade territorial coletiva, porque estas expressões levam consigo o universo simbólico de cada grupo etnolinguístico timorense, que partilham referências espaciais e realidades socioculturais que os representam e os reforçam como coletividade. Como referido por Horizonte, (2012) “a música pode servir como referencial para o indivíduo posicionar-se dentro da cultura tornando explícita sua origem étnica, o seu gênero sexual e a sua classe”<sup>2</sup>.

Dessa forma, “a música e a identidade cultural considerada como um processo de identificações ou de reconhecimento historicamente apropriadas, reforçam o sentido de pertença de grupo” (Cruz, 1993, p.19).

Sabemos que o homem sempre usou a música para estabelecer contactos ativo entre os vários povos e as suas cerimónias rituais, e nas atividades diárias, do trabalho agrícola, do plantio à colheita e aos rituais religiosos, pois os timorenses encararam a sua música não como luxo, mas como parte integrante do seu modo de vida. Como referido por

<sup>2</sup> Disponível em a07n20-Música e Identidade.pdf. Música e Identidade: relatos de autobiografias musicais em pacientes com esclerose múltipla. França, C. C. et al. Música e identidade em portadores de esclerose múltipla. Per Muica, Belo Horizonte, n.20, 2009, p.54-63.

Hanna, “o povo local utiliza a música para preservar as suas práticas tradicionais e as línguas indígenas” Hanna (2018, p.68).

Assim, em todas suas manifestações, música de resistência na sua própria natureza representa o valor simbólico de representação do coletivo timorense. Estas características encontram-se nas melodias, no repertório, no dialeto musical, no vestuário e em todos os estilos de movimentos corporais. Como referido por Freitas (1955, p.30), ela marca a sua presença, ela manifesta um carácter profundamente local para a criação de unidade popular (Tame, 1984, p.76).

Como afirmado por Wolton, “a identidade cultural, por sua vez, é um conceito das áreas da sociologia e antropologia, que indica a cultura em que o indivíduo está inserido numa comunidade, além do partilhar da língua, da história, dos símbolos, dos valores lhes conferem o sentimento e o esforço de defender essa comunidade” (Wolton, 2000, p.22).

Neste sentido, a música caracteriza-se como um meio de disseminação e de divulgação, através da sua linguagem, do som e dos ritmos de *batuque* ou de *tebe-dai* e *dahur*. Esta ideia encontra coerência com o pensamento de Benedict que diz que “a identidade cultural é o conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo” (Benedict, 2005, p.56), por isso ela exerce influência na personalidade total e na relação entre todos.

Ou seja, temos recebido atenção constante de estudiosos nas áreas das humanidades ou da teoria social, pois envolve simultaneamente uma dimensão pessoal e uma dimensão coletiva, como se afirma Jurandir Malerba:

Cada homem singular, embora diferente de todos os demais, apresenta um caráter específico que partilha com os outros membros da sociedade. Seria esse caráter, ou esse hábito social dos indivíduos, que constituiria a base da qual derivam as características pessoais que dão aos homens singulares, ao mesmo tempo, sua identidade, ou seja, tudo aquilo que os identifica e os distingue dos demais membros da coletividade. [...] Esse pertencimento à coletividade, o caráter social da individualidade humana, é efeito e função dos *habitus* sociais (Malerba, 2014, p.4).

Enquanto processo social, produto cultural e comportamento expressivo, a música desempenha um papel fundamental na sociedade timorense. Atualmente, a sociedade torna-se cada vez mais global, quer nos aspectos culturais, económicos, sociais e políticos, torna-se premente ou urgente assegurar que a nossa identidade relacionada com a cultura mais tradicional não se perca.

Não admira, pois, a música de resistência timorense continua a ser o grande meio impulsionador ou incentivador de uma cultura mais popular e autóctone, e mantém-se com grande vigor e forte influência sobre as identidades locais, hábitos, tradições e modos de vida.

Como referido por Tame (1984, p. 67), de certa forma, os antigos chineses acreditavam que os padrões da vida acompanham os padrões da música; como na música, assim na vida; e uma música estável assegurava a

existência de um Estado estável. Sendo assim, a música tem participado ativamente nas grandes cerimónias rituais, e continua a desempenhar um papel fundamental e a ser uma referência nos momentos mais marcantes da vida comunitária.

A música, ao longo deste tempo, caracteriza-se como uma expressão artística que possui grande capacidade de fortalecer essas identidades, desde que apresente elementos relacionados com o contexto cultural local. A música timorense, desde sempre, apresenta elementos simbólicos que reforçam a identidade cultural local.

Segundo Corazzi (1883, p.5), “a música é considerada como a única linguagem que verdadeiramente exprime, de forma harmoniosa, as sensações todas da vida do povo”. Assim, também de acordo com Allan Meriam (Pereira, 1985, p. 44), “a música tem entre outras, a função da comunicação (...) mas sim, a música não é forma de linguagem universal, mas, uma linguagem direcionada a pessoas de uma mesma cultura” (Corazzi (1883, p.5)

Em 1985 no município de Ermera, Timor-Leste, o maestro Pereira nos contou sobre a sua favorita música “nos tempos livres, gostava de ouvir as canções de resistência, embora se mantivesse escondido dos militares por razões de segurança pessoal e familiar”. Assim, a sua expressão na língua tétum:

*Hananu ita nian, tama duni  
iha povo nia laran, ho lian  
tebe dahur, metin los ho ita  
nia moris natureza ho cultura.  
Halo ita contente, halo ita  
tanis. Hananu ne halo ita  
hanoin ba ita nia avo sira iha  
tempo uluk nian.*

Podemos traduzir em língua portuguesa:

As músicas timorenses foram arrancadas dos sentimentos do povo, das melodias tradicionais dos seus *tebe dahur*, da harmonia com a nossa cultura timorense e, portanto, a música traz consigo a arte de encantar pessoas, tirar sorrisos ou lágrimas de seus tempos

Notou que, em contexto timorense, a música tocada ou apresentada em várias cerimónias rituais e oficiais, tem influenciado muito forte, porque ela revela a identidade de determinado grupo nativo no território de Timor-Leste. Por exemplo, a música da resistência está sempre a ser considerada como verdadeira “representação de expressão simbólica”, porque envolve o sentimento e emoções de beleza revolucionária do povo Maubere e de repugnância aos militares indonésios.

Segundo Sousa (2017, p.30), “a música de resistência foi parte integrante do processo da construção do conhecimento sobre a identidade nacional e a identidade cultural do povo”. Esta ideia encontra coerência com a ideia apresentada por Martins (1985) “a música de resistência timorense nasce de uma sociedade cuja prática de vida quotidiana está totalmente baseada na prática da cultura dos seus ancestrais” (Martins, 1985, p.61).

É também salientado por Paulo (2013) que “a nossa música tem com a sua própria linguagem, seus próprios códigos, pelo ritmo e pela melodia, ela estabelece uma rede de comunicação ativa entre os vivos e os

nossos antepassados” (Paulo, 2013, p.65). Isto é a música em si é um dos meios de manifestação de crenças e de identidades do povo timorense.

Neste contexto, a música pode afetar o homem e a civilização, pois o individuo é capaz de interiorizar a música, que influi positivamente no ritmo dos seus pensamentos, nas suas emoções e na sua saúde corporal (Tame, 1984, p.15).



A vivência social dos timorenses é assinalada pela forte relação entre homem e natureza, e isso reflete-se nas músicas como no caso das músicas de resistência, músicas de reconciliação, músicas de *tebe dahur*, na construção e na inauguração da *uma Lulik*, música religiosa, músicas de casamento e de funeral, que também fazem parte nas cerimónias rituais da cultura timorense.

Assim, podemos dizer que a vida e a cultura deste povo estão ligadas intimamente com a sua música. Tudo enquadrado num mundo expressivo de som, que tenta dar ouvidos ao inconsciente e se faz do sentimento de valores ancestrais enraizados.

Desde as primeiras gerações até à atualidade, os timorenses continuam a manter todas as práticas culturais e rituais através da música, *dahur, tebedai*, entre outras, por acreditarem que estas práticas representam pilares básicos da construção harmoniosa das suas comunidades.

Filipe Arranhado, o vocalista do grupo de *Almamor*, afirmou sobre a música timorense:

música timorense é uma obra rica, porque está sempre associada à cultura e às tradições do povo timorense, que são símbolos da identidade do povo. Ou seja, a música de timorense é um símbolo associada a identidade original do povo e o seu espírito da resistência; Música é a manifestação de crenças, de identidades do povo maubere (Castro, 2007, p.32).

Em suma, em contexto timorense, a música passou a desempenhar um papel determinante dentro das relações sociais e culturais. Ela explora elementos simbólicos das identidades culturais locais, que valorizam e fortalecem essas identidades. Todos esses elementos marcam o carácter do povo e a sua história, marcam a pessoa timorense como tal.

A música de resistência timorense é composta por uma série de interligações étnicas, culturais, territoriais e políticas. Estas interligações exprimem um laço de solidariedade entre os membros da comunidade, unidos por memórias, tradições e mitos partilhados. Foi esta enorme multidimensionalidade que transformou a identidade

cultural numa força tão forte e persistente na luta de resistência do povo sem perder as suas características culturais de uma mesma terra de origem e cultura histórica.

Dessa forma, a música é entendida como um veículo de expressão simbólica dos indivíduos e como um conjunto de experiências subjetivas indissociáveis das práticas quotidianas e das relações de poder (De Nora, 2000, p. 56, 74; Finnegan, 2012, pp. 353, 355). Se a música é comportamento social (Merriam, 1965), não é somente o resultado da produção cultural dos indivíduos ou das sociedades, tal como sugerido por John Blacking em finais da década de 1960, um musicólogo e antropólogo britânico que estudou sobretudo a música sul-africana do povo Venda (Blacking, 1995, p. 32).

Nesse sentido, vale a pena dizer que a construção da identidade cultural timorense é um conjunto vivo e ativo de relações sociais e da riqueza de herança de patrimónios simbólicos historicamente compartilhados que criam e identificam harmonia e união à volta de determinados valores, entre os membros da sociedade timorense. E a música timorense como meio de comunicação para fazer divulgar essa identidade cultural inclui também a promoção cultural e cívico-zacional dos povos da Insulíndia.

Até aqui, notámos que as relações musicais e culturais passaram a desempenhar um papel determinante dentro das relações sociais e na construção da identidade do povo local. A tonalidade da música de resistência associou-se à tonalidade do *dahur* de timorense, a sua personalidade, a sua identidade, os seus hábitos e costumes quotidianos, seus estilos de resolver os conflitos, suas relações humanas, e outros assuntos relacionados à vida do ser humano. Ou por assim dizer “no ritmo de pensamentos do homem, na melodia das suas emoções e na harmonia de sua saúde corporal e estilo de movimento” (Tame, 1984, p. 15).

Como referido por Sousa (2007: 60), as letras, os ritmos e as melodias tradicionais dos seus *tebes*, caíram bem no coração de todos os timorenses e por isso facilmente eram seguidos. A própria música expressa o equilíbrio dos valores sociais, culturais e naturais do povo local, são relações do homem com a sua natureza histórica, a sua realidade de vida e, portanto, envolve também condicionamento cultural, são determinados com base em valores culturais simbólicos que têm contribuído para a construção da identidade nacional e cultural do povo timorense.

Segundo o maestro timorense Simão Barreto (citado por Pinto, 2015, p.138), “a música é um elemento catalisador de todas as manifestações culturais timorenses, pois ela faz parte da índole do povo timorense. A natureza do ser, da existência e da própria realidade está explícita nas letras, no ritmo e na música”.

Todo o reconhecimento sobre a importância da música timorense é um assunto muito importante quer do ponto de vista da cultura autóctone, quer do ponto de vista de comunicação de traços essenciais da música de resistência timorense como repertório da reafirmação da identidade nacional e cultural do povo Maubere.

É um único caminho para levar à conclusão que a cultura musical timorense é uma “arma”, uma força e alma do povo, uma luz que iluminou o caminho para a independência da pátria de Timor-Leste e a libertação do povo Maubere, povo timorense como único caminho na reafirmação da identidade nacional e cultural do povo Timor-Leste.

De todas estas práticas musicais na cultura e no ritual, juntando-se numa maior ou menor rede de coesão que tem percor-

rido todo o território do país, desde então começaram a fazer-se sentir nos ouvidos da comunidade internacional, e depois, de imediato, na formação de um fórum para discutir questões políticas em Timor-Leste, nasceu assim uma consulta popular para a determinação do destino do Estado e do povo de Timor-Leste, para a reafirmação da identidade nacional e identidade cultural de uma nação e de um povo independentes e soberanos no século XXI!

## Considerações finais

Até aqui, consideramos que as relações musicais e culturais passaram a desempenhar um papel determinante dentro das relações sociais e na construção da identidade do povo local. A tonalidade da música de resistência associou-se à tonalidade do dahur de timorense, a sua personalidade, a sua identidade, os seus hábitos e costumes quotidianos, seus estilos de resolver os conflitos, suas relações humanas, e outros assuntos relacionados à vida do ser humano. Ou por assim dizer «no ritmo de pensamentos do homem, na melodia das suas emoções e na harmonia de sua saúde corporal e estilo de movimento» (Tame, 1984: 15).

Como referido por Sousa (2007: 60), as letras, os ritmos e as melodias tradicionais dos seus *tebes*, caíram bem no coração de todos os timorenses e por isso facilmente eram seguidos. A própria música expressa o equilíbrio dos valores sociais, culturais e naturais do povo local, são relações do homem com a sua natureza histórica, a sua realidade de vida e, portanto, envolve também condicionamento cultural, são determinados com base em valores culturais simbólicos que têm contribuído para a construção da identidade nacional e cultural do povo timorense.

Segundo o maestro timorense Simão Barreto (citado por Pinto, 2015, p.138), a música é um elemento catalisador de todas as manifestações culturais timorenses, pois ela faz parte da índole do povo timorense. A natureza do ser, da existência e da própria realidade está explícita nas letras, no ritmo e na música.

Todo o reconhecimento sobre a importância da música timorense é um assunto muito importante quer do ponto de vista da cultura autóctone, quer do ponto de vista de comunicação de traços essenciais da música de resistência timorense como repertório da reafirmação da identidade nacional e cultural do povo Maubere.

É um único caminho para levar à conclusão que a cultura musical timorense é uma “arma”, uma força e alma do povo,

uma luz que iluminou o caminho para a independência da pátria de Timor-Leste e a libertação do povo Maubere, povo timorense como único caminho na reafirmação da identidade nacional e cultural do povo Timor-Leste.

De todas estas práticas musicais na cultura e no ritual, juntando-se numa maior ou menor rede de coesão que tem percorrido todo o território do país, desde então começaram a fazer-se sentir nos ouvidos da comunidade internacional, e depois, de imediato, na formação de um fórum para discutir questões políticas em Timor-Leste, nasceu assim uma consulta popular para a determinação do destino do Estado e do povo de Timor-Leste, para a reafirmação da identidade nacional e identidade cultural de uma nação e de um povo independentes e soberanos no séculos XXI!

## Referências

- Adorno, Theodor W. Introdução à Sociologia da Música: doze preleções teóricas, São Paulo: Unesp. 2011
- Barros, Cristina Maria da Silva. A importância do Ensino da Música. Contributos para a educação intercultural e transdisciplinar no sistema de ensino português. Dissertação de Mestrado em Relação Interculturais, 2004.
- Bastos, Rafael José de Menezes. A Musicologia Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu. Florianópolis: Editora da UFSC. 1999.
- Bellotto, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991, p. 198.
- Blacking, John. *How Musical is Man?* Seattle: University of Washington, 1973.
- Boas, Franz. Arte Primitiva. Tradução Paula Seixas. Revisão Científica J.A. Fernandes, 1996.
- Bogdan, Robert e Biklen, Sari. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à teoria e aos Métodos. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- Rosando, António; Mesquita, Isabel e Colaço, Carlos (editores). Desporto e atividade Física: Métodos e Técnicas de investigação qualitativa. FmH edições. Um corpo de conhecimento. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. 2012.

Chanda, M. L. & Levitin, D. J. (2013). The neurochemistry of music. Trends in Cognitive science, 17 (14), 179-193. Retrieved from [http://daniellevitin.com/levitinlab/articles/2013-tics\\_1180.pdf](http://daniellevitin.com/levitinlab/articles/2013-tics_1180.pdf)

Cinatti, Rui: Motivos Artísticos timorenses e sua Integração. Instituto de Investigação Científica tropical, Museu de Etnologia Lisboa/ 1987 Cinatti, Ruy.

Cotta, André Guerra e Blanco, Pablo Sotuyo (orgs.). Arquivologia e património musical. Salvador: EDUFBA, 2006

Diamang. Dundo-Luanda-Angola. Serviços Culturais. Museu do Mundo. Folclore Musical de Angola. Angola folk-Music. (Colecção de feitas magnéticas e discos) Coletion of Magnetic tapes and disks). Povo Coioco (Área do Lóvua). – Luanda - Chokwe people (Lóvua área) –Luanda District – Lisboa 1961.

Dias. Museu Nacional de Etnologia Biblioteca. Fenda. Dissertação de Doutoramento em Ciências Sociais na espacialidade de Relações internacionais, Instituto Superior de Ciências e Políticas Lisboa, 2003.

Hargraves, D. (1996). The development of artistic and musical competence. In I. Deliége, & J. Sloboda (Eds.), *Musical beginnings: Origins and development of musical Competence* (pp.145-170). Oxford: University Press.

Gamberini, Leopoldo, 1962. *La parola e la musica nell' Antiquità*. Firenze: Leo S. Olschki-Editore.

Purves, D., Augustine, G.J. Fitzpatrick, D. Hall, W. C., LaMantia, A. S., & L., E. (2012). *Neuroscience* (5th ed). Sunderland, Massachusetts: Sinauer Associates.

Engels, Marx, 1974. *Sobre Literatura e arte*. 4<sup>a</sup> Edição. Editorial Estampa, Lisboa. Tradução de Albano Lima.

Euclides, Adérito Manuel & Costa, Victor da. 2014. Música timorense no 2º ciclo: aprendizagens artísticas e culturais. Dissertação de Mestrado. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. SITE:HALL\_Cultura\_e\_Representação\_-\_2016 - Cópia.pdf

Tiago de Oliveira Pinto, 2001 «Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora» *Antro-Música.pdf.pdf*. Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha – ICBRA